

arqa101

ARQUITETURA E ARTE

mar|abr 2012 | €11,00

Persistências Rurais

Kazuyo Sejima
Barozzi Veiga
Guedes + Decampos

Aires Mateus
Carlos Quintáns
de vylder vinck taillieu
Pedro Maurício Borges
Opéra Pagã

Dewey Thorbeck
Joshua Bolshover + John Lin
Alexander Pfanzelt
Teresa Marat-Mendes
Aldo Cibic
Vicente Gualart
Álvaro Domingues
Guimarães 2012





10/4/2012

ÍNDICE matérias

Os artigos assinados são da inteira
responsabilidade dos autores



GUÉDES DE CAMPOS - REMODELAÇÃO ADEGA QUINTA DO VALLADO

Indoors

003 Banho/acessórios

News

012 Atualidades e agenda

Editorial

020 Luís Santiago Baptista - *Persistências Rurais*

Entrevistas

022 *Persistências Rurais: Perspetivas Críticas* - Dewey Thorbeck, Joshua Bolshover + John Lin, Alexander Ponzelt, Teresa Marat-Mendes, Aldo Cibic, Vicente Guallart, Carlos Quintáns

Projetos

040 Biografias

042 Kazuyo Sejima - *Projeto Inujima Art House*

052 Barozzi Veiga - *Sede do Conselho Regulador da D.O.*

060 Guedes + Decampos - *Remodelação e ampliação da Adega Quinta do Vallado*

070 Aires Mateus - *Centro de Monitorização e Investigação das Furnas e Residências*

078 Aires Mateus - *Casa na Comporta*

082 Carlos Quintáns - *Casa em Paderne*

088 de vylder vinck taillieu - *Casa "Rot-Ellen-Berg at O."*

094 Pedro Maurício Borges - *Capela de Santa Filomena*

100 Opéra Pagai - *Intervenção "La Maison sur l'Eau"*

Investigações

102 Ivo Poças Martins - *A cidade é contínua, o campo continua!*

Crítica

106 Gonçalo Furtado e Rosa Macedo - *Da Urbanização do Rural à Ruralização do Urbano*

Design

110 Carla Carbone - *Patrick Schols, entre outros*

Artes

114 David Santos - *Pedro Loureiro: A figura, o retrato e a fotografia*

118 Sandra Vieira Jürgens - *Luís Costa: Nodar*

Fotografia

122 Fernando Guerra - *FG+SG: Centro Cultural de Palência*

Dossier

123 1 - Álvaro Domingues - *Vida no Campo*

131 2 - Guimarães 2012

Livros

139 Mário Chaves

Reportagens

140 Julia Albani - *Equilibrando o "Higher Atlas", Bienal de Marraquexe*

142 Paula Melâneo - *Jeff Wall e Thomas Struth*

Marketing

146 Materiais fornecidos pelas marcas

Apoio:



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

Propriedade:

Futurmagazine

Sociedade Editora, Lda

R. Alfredo Guisado, 39 - 1500-030 LISBOA

Telefone: 217 703 000 (geral)

217 783 504/05 (diretos) Fax: 217 742 030

futurmagazine@gmail.com

Diretor Geral

Edmundo Tenreiro

etenreiro@revarqa.com

arqa

ARQUITETURA E ARTE

www.revarqa.com - futurmagazine@gmail.com

Diretor

Luís Santiago Baptista

lsbaptista@revarqa.com

Redação

Paula Melâneo (Coordenação)

apmelaneo@gmail.com

Baptista-Bastos (Opinião),

Bárbara Coutinho (Design), Carla Carbone (Design),

David Santos (Artes), Gonçalo Furtado (Crítica),

Margarida Ventosa (Geração Z)

Mário Chaves (Livros), Nádja R. Bento (Tradução),

Sandra Vieira Jürgens (Artes)

Paginação e Imagem

Raquel Caetano

Bruno Marcelino (desenhos)

Edição Digital

Ricardo Cardoso

Comunicação e Marketing

Maria Rodrigues (Diretora) mrodrigues@revarqa.com

Carmen Figueiredo - cfigueiredo@revarqa.com

Publicidade - PORTUGAL

Tel. +351 217 783 504

Fax +351 217 742 030

futurmagazine@gmail.com

Publicidade - BRASIL

Jorge S. Silva

Tel. +55 48 3237 - 9201

Cel. +55 48 9967 - 4699

jssilva@matrix.com.br

Impressão

OffsetMais - Artes Gráficas, S.A.
Rua Latino Coelho, nº 6 - Venda Nova
2700-516 Amadora

Distribuição

Logista Portugal

Área Ind. Passil, It 1-A, Palhavá
2894-002 Alcochete

Tiragem

10.000 Exemplares

Periodicidade

Bimestral

ISSN: 1647-077X

ICS: 124055

Depósito Legal: 151722/00

GONÇALO FURTADO E ROSA MACEDO | FAUP

O debate contemporâneo em volta das transformações territoriais permite-nos compreender que nos debruçamos sobre um caminho de retorno, quando preenchidos duzentos anos de debate com o foco nos problemas urbanos, se observa o redirecionar do olhar para o problema das margens. Assim, o presente artigo foca a questão da simbiose existente entre a vontade de construir urbanidade em ambiente rural e a implementação de ruralidades em ambientes urbanos contemporâneos.

1. Condição contemporânea do urbano.

Começamos por acentuar que nos encontramos na presença de uma nova realidade urbana. A legibilidade e compactação urbanística da cidade desintegrou-se expansivamente num mosaico de tecidos ordenados por novas centralidades (as centralidades periféricas emergentes das proliferação na periferia e dos antigos centros, atualmente genéricos e tematizados) que são o resultado da conformação de uma "geografia global".

Estabelecem-se um conjunto de dinâmicas urbano-territoriais complexas, onde se diluem um conjunto de distinções conceptuais, como é o exemplo de campo-cidade, global-local, centro-periferia, físico-digital, entre outras. A "crise" conceptual instaurada nos territórios urbanos, levou-nos a conceitos complexos de cidade, como *Métapolis* (Asher), *Post-Metropolis* (Soja), *Ciudad Difusa* (Oriol Nel-lo) e *Generic City* (Rem Koolhaas), etc. A vasta aplicação dos conceitos pelas cidades Europeias durante as últimas décadas, permitiu a desfragmentação em subconceitos como: *urban sprawl*, *suburbanização*, *rurbanização*, *periurbanização* e *counter-urbanization*. Tal facto determina que parâmetros anteriormente aplicados na caracterização do território, como posição jurídica, definição de morfologia, estrutura hierárquica de serviços, ou espaços funcionais, se diluam conseqüentemente com a indefinição da delimitação dos territórios urbanos, redireccionados para um sistema em rede difuso, onde segundo o conceito da "cidade difusa", que Oriol Nel-lo denomina como sistemas urbanos resultantes de uma integração física e funcional da cidade-campo. Tal integração determina o aparecimento de dois novos paradigmas em espaço rural e urbano, a rurbanização do território e a idealização do rural, e o conceito das hortas urbanas, considerado como ferramenta para a necessária sustentabilidade das cidades ocidentais, pela reutilização de vazios urbanos, e por recuperar uma memória social ancestral no gesto de relacionamento da população com a produção agrícola.

No entanto, o fascínio pelo rural sempre foi tema presente na construção das nossas urbanidades uma vez que estas expandiram os seus limites em resposta ao fenómeno do êxodo rural observado nacionalmente nos "verdes anos" cinquenta do século XX. Ou seja, por mais urbana que seja a população, a nostalgia, enquanto "sensação de saudade de um tempo vivido, frequentemente idealizado" e melancolia, enquanto "inquietação duradoura", estabelecida pela génese rural, estará sempre presente na forma como o território é (será) apropriado pela população.

2. A urbanização no rural.

A cidade aumenta de tamanho, enquanto que a sua natureza e finalidade são esquecidas. A mobilização de produtos, o rápido intercâmbio, a

aplicação da lei do crescimento urbano da economia capitalista, determinam um novo entendimento da escala espaço-tempo, facto que contraria e se apropria em parte de todo o ambiente, físico e organizativo, das cidades e dos espaços rurais periféricos. Posicionamo-nos perante o modelo de povoação territorial compreendido entre o compacto, (correspondente à cidade e à concentração urbana), e o difuso, (caracterizado pela expansão territorial das grandes cidades sem uma definição de limite), distanciado do controlo dos planos urbanos.

Na década dos anos quarenta, do século XX, com o processo de industrialização da agricultura, a ação da modernidade, como refere Ferrão², passou a compreender o espaço rural deixando de ser condição exclusiva dos espaços urbanos. Tal facto determina que se estabeleçam, em maior escala, um conjunto de movimentos pendulares, transformadores do território rural e da sua génese identitária. O espaço rural foi-se reinventando, a relação histórica e equilibrada estabelecida com a cidade, onde ambos tinham bem definidos o que desempenhar, foi substituído por uma fartura estabelecida entre o rural e o urbano com a invasão de gramáticas operativas urbanas em espaços rurais, estabelecendo "uma maior proximidade do mundo rural moderno ao espaço cidade" e afastando "quase por completo o mundo rural tradicional, colocando-o numa posição de desinteresse".

Em 1976 surgem dois conceitos que iriam se repercutir pelas décadas seguintes. O conceito de Bauer³ da "rurbanização" e de Berry⁴ da "contra urbanização", e ainda da "idealização do rural", que davam suporte ao conceito estabelecido nacionalmente nos anos 80 por "mundo rural não agrícola". Tal conceito determina uma mutação na dimensão funcional do rural (como produtor de alimentos para a cidade), para se transformar num espaço de receção de população urbana que procura melhores condições de vida em ambiente rural (contra urbanização), mas sem perder o estilo de vida da cidade (rurbanização). Estes modelos de ocupação territorial, compreendem dinâmicas espaciais com tipos de exigências, fluxos, escalas e formas, para as quais a matriz infraestrutural da ruralidade não se apresenta capaz de suportar de forma plena. Tal necessidade de (re)formulação espacial determina que a parcela rural dê lugar a um retalhamento da propriedade, com a conseqüente redução do seu tamanho, onde a área sem edificação perde importância em favor da área impermeabilizada. A matriz rural é aos poucos substituída por um sistema funcional misto que coexiste *in situ*, de onde a sua emergência resulta em fissuras e descontinuidades territoriais. A formalização de modelos planeados compreendidos por edifícios coletivos em altura, denominados por Nuno Portas, como tipologias que se tornam recorrentes nos eixos viários de maior fluxos e se identificam facilmente como "edifícios - montra" que "constituem a sustentação da dinâmica demográfica e do povoamento das conurbações não-metropolitanas"⁵, loteamentos, moradias em banda, para além de apresentarem uma desarticulação construtiva, tipológica e estética, comprometem a génese rural pela relação descontínua que estabelecem com o lugar onde se inserem.

Por outro lado, o conceito de "idealização do rural", rege-se pela reconceptualização da génese rural orientada para o consumo, musealização ou simplesmente sacralização dos espaços e atividades. Uma visão

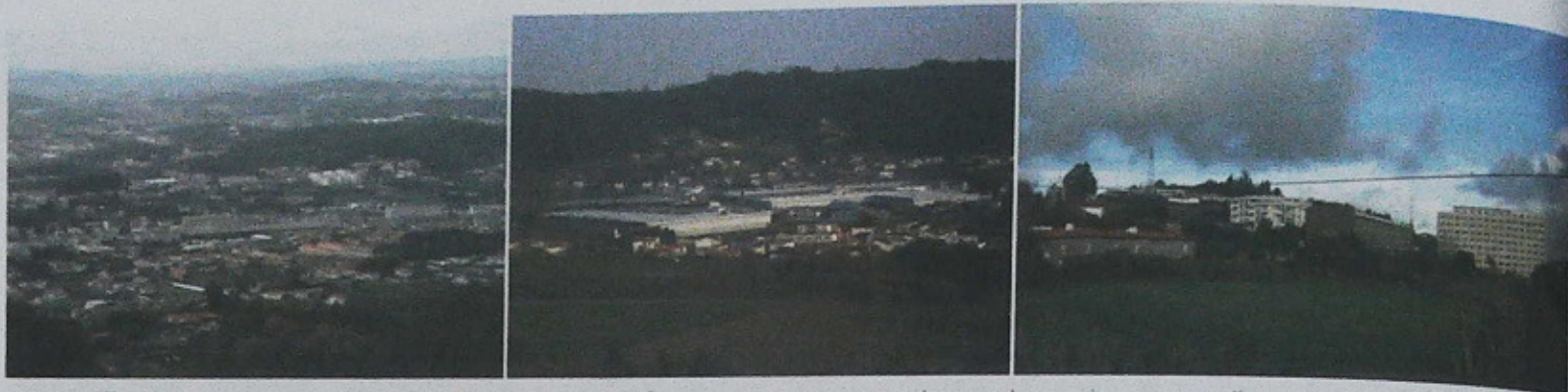


profundamente interligada com as sociedades industrializadas, com padrões de consumos elevados, onde a satisfação das necessidades básicas estão garantidas e asseguradas⁶. Determina-se a aplicação de estratégias de promoção da ruralidade, pela preservação e encenação, de um conjunto de atividades passadas, que alimenta as memórias de uma ruralidade dissipada pela urbanidade. O fenómeno da idealização do rural pode-se traduzir em três aspetos principais, "a conservação dos valores naturais, a procura de autenticidade face a um mundo cada vez mais globalizado e alienado, e a exploração turística dos espaços"⁷. Nacionalmente verificamos a implementação de projetos inovadores de desenvolvimento do território, os Programas de Ação "PROVERE da Terra Fria Transmontana e o PROVERE das Aldeias Históricas de Portugal"⁸. Podemos traduzir estas estratégias numa necessária reconceitualização de uma génese rural "por parte de largos sectores da população urbana"⁹, que apesar de ser aparentemente benéfica aos espaços rurais, que pelo seu afastamento aos núcleos urbanos tendem a desaparecer no território, ao desenvolver novos mercados privados de atividade associadas ao rural, como práticas de "caça, turismo, venda de produtos agrícolas tradicionais, artesanato, laser, desporto, visitas e fruição das paisagens"¹⁰, na sua essência determinam uma encenação de aspetos rurais apenas com a finalidade de promover o consumo, originando na sua maioria a musealização e sacralização dos espaços e atividades, e conflitos espaciais entre os habitantes permanentes e os habitantes pendulares, uma vez que os primeiros encaram os recursos rurais segundo uma visão utilitária, enquanto que os segundos assumem posturas conservadoras perante esses mesmos recursos, "na procura de um modelo de rural puro, encenado e esvaziado do seu conteúdo social"¹¹. Em suma, podemos afirmar que a (re)habilitação da condição rural do território, terá a nosso ver que compreender e reinterpretar os valores locais

identitários, partindo da génese rural, para dessa forma conferir novas políticas de urbanização. Ao deter como elemento de partida a paisagem urbana invertida¹², a grande questão situa-se no entendimento do novo estatuto atribuído à sua tipologia edificada determinando a emergência de novas centralidades territoriais, que se tornam capazes de consolidar a estrutura existente, como "peças de um nova condição urbana... normalmente ignoradas pelos planos por serem demasiados extensos para se tornarem parques urbanos ou jardins, e demasiado reduzidos para serem destinados a um uso agrícola extensivo"¹³. A visão estratégia pretendida para o território, terá de transitar das políticas de urbanização, *in loco*, isto é, de estabelecer a passagem de uma interdependência local, à microescala, para uma estratégia global, à microescala, ao compreender o território como um todo, onde a periferia rural se torna parte integrante de um sistema urbano central, constituindo de uma visão sistémica, onde "a interdependência funcional [será] mais importante do que a subserviência ou o domínio hierárquico"¹⁴.

3. A ruralização do urbano.

A invasão do ambiente rural é contrastada com as posturas interventivas que contemplam a necessária inserção de características rurais em ambientes urbanos. Referimo-nos a situações que nos remontam aos anos 50 do século XX com a criação do *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal*, e na contemporaneidade à mutação dos paradigmas urbanos pela inserção de propostas de rentabilização de vazios urbanos e do próprio edificado com o conceito da agricultura urbana. A necessária criação do Inquérito apenas surge porque os valores da identidade nacional, genuína, estavam a ser adulterados pela reconfiguração da autenticidade arquitetónica portuguesa, nos novos modelos da arquitetura



moderna. Em linhas gerais, prosseguindo o intuito de catalogar de forma objetiva a arquitetura vernacular do território português, o Inquérito pretendia obter "a valorização da arquitetura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-se no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento"¹⁵. Importa refletir sobre as repercussões do Inquérito, publicado em 1961, no domínio da operatividade, linguagem e metodologia arquitetónica portuguesa. No domínio operativo verificamos, por um lado, a desmistificação das diversas correntes da Casa Portuguesa e do tradicionalismo construtivo, pela recolha das experiências genuínas da arquitetura popular; Por outro lado, o seu posicionamento no ensino, permitiu que se redirecionasse o olhar de forma mais atenta para o panorama urbano degradado, proporcionando o aparecimento de iniciativas na cidade do Porto compreendidas por operações em bairros degradados da cidade, nomeadamente em Matosinhos (1962-1963), Miragaia (1963-1964) e Barredo (1968-1969); de igual modo a sua presença na criação das CODA "de análise e intervenção nos ambientes rurais, com uma motivação claramente ideológica, neorrealista e politizada, ainda que fosse apenas pela denúncia da condição urbana e rural dos anos sessenta nacionais", e ainda a influência que deteve nos métodos de projetar dos arquitetos.

No domínio da linguagem arquitetónica, observamos a (re)utilização de gramáticas populares, como telhados e beirais, chaminés, portas, aberturas e varandas, assim como o recurso ao (re)explorar de materiais tradicionais, suas tecnologias e valores plásticos. Por último, no domínio metodológico, ressaltamos primeiramente a importância confinada à cultura local, a importância do lugar (para o correto enraizamento da obra arquitetónica); um segundo aspecto compreende o sentido de equilíbrios utilitários com a necessária (re)valorização da arquitetura de pequena dimensão; um terceiro aspecto foca a questão da dimensão espacial e sua importância na psicologia de apropriação do espaço, e ainda a organização dos espaços exteriores confinantes à habitação (como eiras, pátios, jardins). Podemos referir que o Inquérito veio ao encontro de "uma nova cultura arquitetónica, iniciada nos meados da década de 50 com uma nova conceção do espaço e da espacialidade e uma nova atenção às arquiteturas de Wright e Aalto". Face à contemporaneidade, observamos que todos os princípios determinados e impulsionados pelo Inquérito, se apresentam nos nossos dias de forma dissipada, por questões do domínio da especulação imobiliária. No entanto, apesar da aparente desordem processual urbana, o sentimento de uma qualquer preservação, inserção, do ambiente natural, ecológico, aplicado nas políticas urbanas da atualidade, remete-nos o olhar para a afirmação que os espaços agro-urbanos detêm para a sociedade. A tentativa de formalizar um qualquer sentimento nostálgico do meio rural, em ambientes urbanos edificados determina que atualmente se verifique a implementação de espaços agrícolas inseridos na nova construção, reabilitação espacial e edificada, e coesão social. O verde assume um papel preponderante na construção do espaço urbano, público e edificado, onde se ambiciona o seu uso como ferramenta estratégica para a sustentabilidade e qualidade do meio ambiente, da cidade atualmente (sobre)ocupada, e como elemento capaz de solucionar problemas urbanos nomeadamente os que

compreendem a pobreza e insegurança alimentar, e a não coesão social. Analisando o percurso das propostas de ruralização do urbano, referimos que a utopia urbana desenvolvida por Frank Lloyd Wright, *Broadacre City*, se estabeleceu como uma das mais relevantes críticas à cidade Industrial, envolvida pelas máquinas, que havia perdido a sua natureza, a sua lógica interna, a sua essência, arrastando consigo os cidadãos "bonecos mecânicos", sem referências, memórias, cujos objetivos contemplavam o produzir, rentabilizar e multiplicar, e onde a sua felicidade consistia "em se aglutinar uns aos outros dentro da desordem, iludido como é pelo calor hipnótico e pelo contacto forçado com a multidão. A violência e o rumor mecânico da grande cidade agitam a sua cabeça "urbanizada", enchem os seus ouvidos "urbanizados". (...) Uma agitação perpétua excita-o, rouba-o à meditação e à reflexão (...) ele torna-se um agente, vendedor de ideias rentáveis, um viajante que explora as fraquezas humanas especulando com as ideias e invenções dos outros um parasita do espírito (...) perpétuo escravo do instinto gregário, (...) submisso um poder estranho"¹⁶. Em *Broadacre City*, "a cidade é convertida em nação", o rural posiciona-se sobre a cidade estendendo-se por todo o território, como meio contínuo, e nela estabelecem-se todos os componentes que trabalham organicamente, transformando o cidadão urbano num cidadão rural. A ausência de limite territorial contraria qualquer tendência de concentração e convergência entra em necessária decadência, onde no entendimento de Wright "os grandes centros urbanos já não estavam em vias de desaparecimento; eles tinham deixado logo de existir"¹⁷. Desta forma estabelece-se um modelo de cidade rural, estabelecida num emaranhado de redes de telecomunicações, numa grelha de fluxos, onde todos os seus pontos constituintes se interligam potencialmente em rede, e a beleza da paisagem seria resgatada como elemento da arquitetura, "resgatar o valor da terra enquanto direito do Homem, ou o do Homem enquanto herança fundamental da terra"¹⁸. Neste modelo de cidade a máquina é considerada não como sinónimo de degradação, mas antes como motores essenciais de uma sociedade contemporânea, garantindo as condições materiais de uma sociedade verdadeiramente democrática, poupando a morosidade das tarefas humanas e oferecendo por consequência um maior tempo para os seus prazeres. A utopia de Wright permitiu compreender que para além da crítica instaurada ao modelo de cidade industrial e sua consequente sociedade, a relação entre natureza, cidadão e espaço construído, era tida como fundamental para uma sustentabilidade urbana. Ou seja, a não recusa do progresso face à natureza, mas sim a sua complementaridade e (inter)relação espacial organizativa, inseridas em estratégias de reorganização territorial compreendidas na ressalva dos valores locais, seriam o meio de terminar com a construção de uma estrutura "genérica" que se estende por todo o lado estabelecendo atritos e fissuras territoriais, como caracteriza Rem Koolhaas. À semelhança de *Broadacre City*, são vários os paradigmas contemporâneos de atuação urbano de características rurais, sob várias escalas de Ação, nomeadamente os SPIN'S, as Hortas Urbanas, os CPUL's, e inseridos em propostas projetuais o exemplo de iniciativas como o *European 9* ou *Urban Voids*. Tais modelos compreendem a sua atuação e demarcação em diferentes espacialidades urbanas. Os *SPIN Farming*, representam formas de agricultura

em pequena escala, que ao implementar o lema de *Agriculture accessible to anyone, anywhere*¹⁹, se inserem em espaços que compreendem os lotes dos edifícios, coberturas, varandas, entre outros, onde a produção agrícola se torna acessível a quem queira ser produtor, quebrando a atual barreira à produção agrícola relacionada com a questão da obtenção de terra e capital. Numa outra escala de intervenção territorial encontra-se o conceito de Hortas Comunitárias, onde o seu principal objetivo centra-se na disponibilização de espaços para a produção agrícola no intuito de combater a falta de alimento dos grupos mais vulneráveis da sociedade, numa perspetiva de auto consumo familiar e economia solidária, onde a comunidade está envolvida na sua gestão. Ou seja já requer uma apropriação legislativa por parte dos municípios para institucionalizarem grupos de orientação e controlo de áreas urbanas específicas para o desenvolvimento comunitário da agricultura. Por outro lado, o conceito dos CPUL²⁰, da autoria do grupo Bohn & Viljoen Architects, apresentam-nos uma estratégia de implementação da agricultura em território urbano através da noção positivamente radical de ordenamento de espaços produtivos contínuos sobre as paisagens urbanas. Imaginam um contínuo de exploração agrícola que cruzam ambientes perfeitamente construídos com vazios urbanos, segundo uma estratégia multifuncional, não pretendendo destruir a cidade, nem eliminar o tecido urbano, mas antes estabelecer uma conexão com as zonas rurais circundantes, oferecendo espaços de lazer, de recreação e corredores de acesso (aumentando a mobilidade). Operativamente, a sua implementação é, numa fase inicial, focada para peões, ciclistas e veículos não motorizados, de forma a permitir o desenvolvimento de vegetação e variedade de usos, conjugando com linhas de ligação entre jardins, hortas e pequenas ilhas de desenvolvimento agrícola já existentes na cidade, conectando-a com uma rede regional de espaços verdes, conferindo uma nova paisagem urbana. Em oposição aos SPIN's, verificamos que nos CPUL's a sua implementação oferece menos oportunidades de integração em cidades mais antigas, devido à densidade dos centros históricos, mostrando-se sobretudo vantajosa em áreas urbanas contemporâneas, onde a quantidade de vazios urbanos apresentam ideias para a sua implementação territorial.



4. Conclusão.

Ao focarmos a questão da simbiose entre a vontade de construir urbanidade em ambiente rural e implementar a ruralidade em ambiente urbano contemporâneo, determinamos que não será oportuno referirmo-nos a estas duas opções de ocupação territorial de forma isolada, mas sim num pensamento de interligação, onde simultaneamente se compita pelas oportunidades globais numa procura de resolução dos efeitos desestruturantes sócio territoriais, estabelecidos pela oposição entre o que constitui o urbano e o rural, de forma a que estes dois discursos se interliguem, sem que a posição determinada compreenda uma reconfiguração linguístico-territorial dos mesmos. A (re)habilitação do território, terá a nosso ver que compreender e reinterpretar os valores locais identitários, partindo da génese rural, para dessa forma conferir novas políticas de urbanização, transitando de políticas de urbanização, *in loco*, com a passagem de uma interdependência local, à microescala, para uma estratégia global, à microescala, ao compreender o território como um todo, onde a periferia rural se torna parte integrante de um sistema urbano central, estabelecendo uma interdependência funcional mais do que uma hierarquia territorial.

¹ Dicionário da Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2012

² J. Ferrão, "Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro", *EURE* (Santiago) Vol.26, nº 78, 2000.

³ Bauer e Roux introduziram em 1976 o conceito de «rurbanização», G. Bauer; J. M. Roux, *La Rurbanisation ou la Ville Éparpillée*, Paris, Éditions du Seuil, 1976.

⁴ Berry (1976) surge com o conceito de «contra urbanização» compreendida pela desconcentração populacional do pós-guerra, que transforma espaços rurais em dormitórios. B. J. L. Berry, *Urbanization and Counter-Urbanization*. Beverly Hills: Sage, 1976. Ver também: Alberto Jakob, *Urban sprawl: custos, benefícios e o futuro de um modelo de desenvolvimento do uso da terra*. Anais do Abep, Unicamp, 2002.

⁵ N. Portas; A. Domingues; J. Cabral, *Políticas Urbanas – Tendências, Estratégias e Oportunidades*, Lisboa: FCG, 2ª edição, 2007, p. 53.

⁶ Ver: José Gil Duarte [et al.], em <http://www.publituris.pt/2009/01/23/da-urbanizacao-a-rurbanizacao—parte-ii-novas-oportunidades-de-desenvolvimento-do-mundo-rural/>.

⁷ J. Ferrão, "Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro", *EURE* (Santiago) Vol.26, nº 78, 2000.

⁸ Ver http://www.qren.pt/item3.php?lang=0&id_channel=34&id_page=384

⁹ F. O. Baptista, *Agriculturas e Territórios*. Lisboa: Celta Editora. 2001.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ E. Figueiredo, *Um Rural para viver, outro para visitar: O ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. Tese doutoramento, Universidade de Aveiro, 2003.

¹² Denominação de espaços rurais, pelo facto de a mancha verde natural se sobrepor à edificada.

¹³ A. Domingues, "(Sub)úrbios e (sub)urbanos: Mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?", In *Geografia*, Porto, Faculdade de Letras, 1994/5, pp. 5-18

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Alfredo da Mara Antunes [et al.], *Arquitetura popular em Portugal*, 3ª ed., Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 1998.

¹⁶ Françoise Choay, *L'urbanisme: utopies et réalités une anthologie*, Paris, Editions du Seuil, cop. 1965, p. 236.

¹⁷ R. Fishman, *L'Utopie Urbaine au XXe Siècle*, Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, LeCorbusier, Architecture + Recherches p. 97.

¹⁸ Cf. Choay, Op.Cit, p. 24.

¹⁹ Local de acesso à informação: <http://spinfarming.com>

²⁰ Ver: Andre Viljoen (ed). *Review of CPULs: Continuous Productive Urban Landscapes. Designing Urban Agriculture for Sustainable Cities*. Architectural Press. 2005.